

SÉRIE **SAÚDE MENTAL E ATENÇÃO
PSICOSSOCIAL EM DESASTRES**

PERDAS E LUTOS

CRIANÇAS E ADOLESCENTES

FEVEREIRO DE 2026



MINISTÉRIO DA
SAÚDE



O presente material aborda os processos de perdas e lutos que podem ser experienciados por crianças e adolescentes diante de um desastre, apresentando também recomendações emergenciais para promoção de saúde mental e atenção psicossocial.

Crianças e adolescentes necessitam de apoio para enfrentar eventos críticos. A experiência de perder alguém ou algo fundamental, e lidar com a incerteza sobre o que pode ocorrer posteriormente à perda, tende a provocar intenso sofrimento para as pessoas nesse tempo da vida, no qual as referências de afeto e cuidado, além das referências territoriais, são de importância primordial.

Em geral, as múltiplas perdas decorrentes de um desastre (ex.: humanas, materiais e territoriais) alteram o que era familiar e assegurador nas vivências cotidianas de crianças e adolescentes, em diferentes contextos:

- Família
- Escola
- Grupos de pares (colegas, amigos, vizinhos)
- Serviços de Saúde
- Serviços de Assistência Social

A forma como crianças e adolescentes lidam com a perda depende não somente da relação direta com quem ou com o que se foi, mas também de aspectos como:

- Idade
- Condição de vida
- Contexto de inserção (familiar e comunitário)
- Amparo recebido da rede de apoio (familiar e comunitária) e da rede de proteção social (dispositivos institucionais)

Além das mortes que são noticiadas imediatamente ou nos dias seguintes ao evento crítico, algumas crianças e adolescentes vivenciam o desaparecimento de seus familiares, situação para a qual muitas vezes não há resposta conclusiva durante um longo período. Além de gerar angústia e medo, esse estado de incerteza nem sempre tem como desfecho o reencontro com o ente querido ainda vivo.

O LUTO

O luto é um processo psíquico de elaboração de perdas no qual o sujeito, ao organizar um espaço para o que perdeu, pode também se engajar em novas ou outras relações. O processo de luto é um trabalho que não se refere exclusivamente às perdas decorrentes de morte, incluindo ainda situações dolorosas de perdas ou rupturas ocorridas durante toda a trajetória de vida.

Não há prazo estimado para duração do processo de luto, que pode ser revisitado ao longo do ciclo vital daquele que experienciou a perda.

Ademais, a maneira como a perda é acolhida pela comunidade de referência do enlutado é um fator determinante da capacidade de elaboração e adaptação dele à nova realidade.

*Para saber mais sobre a temática, acesse a cartilha **Perdas e Lutos**, da série Saúde Mental e Atenção Psicossocial em Desastres*

LEMBRE-SE

A vivência do luto é esperada frente às perdas. Portanto, **a medicalização da dor do luto é contraindicada.**

No caso de crianças e adolescentes, o luto pode ser vivido diante da perda de um adulto primordial, mas também da perda de um amigo, da moradia, da escola, dos objetos preferidos, ou de qualquer outra referência (material ou humana) que se inclua na experiência afetiva e territorial.

Muitas vezes, o sofrimento pode ser demonstrado a partir de queixas relativas a perdas que, na perspectiva dos adultos, parecem pequenas diante da proporção do desastre:



**O brinquedo
que a criança
tanto gostava**



**O celular do
adolescente**



**O afastamento
dos pares e da
rotina escolar**



**O quarto
onde
dormia**

São reações comuns apresentadas por crianças e adolescentes frente às perdas:

 Alterações no apetite

 Medo

 Alterações no sono

 Tédio

 Agitação ou
inquietação

 Silenciamento

 Raiva

 Prejuízos no desempenho
acadêmico

 Agressividade

 Queixas somáticas
(sintomas físicos associados
ao estresse emocional)

 Choro recorrente

Além dessas reações, também podem ocorrer:

- Sentimentos de vergonha e culpa
- Afastamento das relações interpessoais
- Comportamentos de risco ou autodestrutivos
- Uso de substâncias (cigarro, álcool e outras drogas)

CAUIDADO A CRIANÇAS E ADOLESCENTES ENLUTADOS NO CONTEXTO DE DESASTRES

Em linhas gerais, as crianças e os adolescentes têm tempos diferentes dos adultos para dimensionar as perdas. Assim, é importante que sejam acompanhados por pessoas da rede socioafetiva, ou profissionais de referência, de forma qualificada e acolhedora, para receber notícias sobre as perdas decorrentes do desastre, especialmente

Para **crianças ou adolescentes desacompanhados** de seus familiares ou responsáveis legais em decorrência do desastre, seja por desaparecimento ou morte, essas **manifestações podem ser ainda mais complexas**, porque lhes falta um adulto de confiança a quem endereçar suas angústias.

quanto à morte de entes queridos.

A comunicação acerca do evento crítico e das perdas (humanas ou materiais) deve ser realizada em linguagem acessível à criança e ao adolescente, considerando a idade e as particularidades do processo de desenvolvimento.

Para crianças e adolescentes com deficiência, por exemplo, é importante dispor de:

- Uso de libras
- Audiodescrição das situações
- Comunicação aumentativa e alternativa
- Linguagem simples

Destaca-se a necessidade de ofertar oportunidades para que crianças e adolescentes comuniquem, a seu modo (com ou sem fala), como estão vivenciando o evento crítico, com a presença de adulto qualificado para escutar e trabalhar com o que for recolhido.

São ferramentas para auxiliar no processo de compreensão

do desastre e atribuição de sentido às perdas:

- Brincadeiras e leituras mediadas, com disponibilização de brinquedos, materiais gráficos ou livros, em espaço seguro e com mediação
- Grupos e rodas de conversa, possibilitando espaço para convivência e trocas entre pares.

*Para saber mais sobre a abordagem das perdas e dos lutos junto a crianças afastadas de suas moradias em decorrência de eventos críticos, acesse a cartilha **Crianças em Abrigos Provisórios**, da série Saúde Mental e Atenção Psicossocial em Desastres*

É importante que crianças e adolescentes se sintam amparados também por **dispositivos da rede de proteção social** (Saúde, Assistência Social, Conselho Tutelar, Ministério Público e Poder Judiciário), o que se torna ainda mais urgente na ausência de familiares ou responsáveis legais (ex.: crianças desacompanhadas em abrigos provisórios). Esse suporte tem papel fundamental na forma como se dará a experiência de luto.

ESCUITA

O cuidado a crianças e adolescentes enlutados no contexto de desastres pode ser feito por meio de escuta qualificada, realizada por pessoa em quem eles confiem e que lhes garanta espaço seguro e acolhedor para expressão. São pontos importantes nesse processo:

- Possibilitar à criança e ao adolescente narrar as suas perdas ou o medo de que elas aconteçam (ex.: no caso de familiares desaparecidos). Permitir que possam fazer perguntas, respondendo-as de forma honesta, adequada à capacidade de compreensão, de acordo com o desenvolvimento e sem julgamentos.
- Dar lugar ao silêncio, com respeito e presença, também pode ser importante em muitos momentos.
- Não sustentar a construção de ilusões ou promessas de que tudo voltará ao que era antes, ou que tudo ficará bem, mas sim trabalhar na dupla direção da mitigação de danos e da prospecção do futuro possível, amparando a criança ou o adolescente na construção de novos laços.
- Com cuidado e a partir do tempo possível à criança e ao adolescente, começar a olhar para o que ficou da escola, da cidade, no sentido de que a narrativa sobre essas experiências vividas ampare a elaboração sobre o que foi perdido.
- Não introduzir elementos da própria crença religiosa ou questionar a crença religiosa que a criança ou o adolescente partilha com a família.
- Não se precipitar sobre as narrativas ainda em construção, moralizar a morte ou as perdas, bem como atenuar ou minimizar a grandiosidade que a criança ou o adolescente atribuiu ao evento crítico e seus desdobramentos. Isso pode fazer com que eles se sintam invalidados ou deslegitimados.

Lidar com as reações emocionais e comportamentais de crianças e adolescentes pode ser difícil para familiares ou responsáveis legais, também vulnerabilizados e em sofrimento pelo desastre. Ter uma rede de atenção e cuidado aos que cuidam das crianças (especialmente mães/mulheres) é decisivo para a operacionalização do cuidado.

Recomenda-se que as condições de cuidado e escuta a crianças e adolescentes enlutados no contexto de desastres sejam prioritariamente presenciais, incluindo também estratégias para acompanhar o sistema familiar, como um todo. Portanto, as exceções devem ter justificativas técnicas que indiquem o contato no formato online. Tal recomendação se pauta nos aspectos a seguir:

- Condição especial de desenvolvimento da criança e do adolescente, incluindo

as especificidades da linguagem/comunicação nessas fases do ciclo de vida;

- Perdas materiais em desastres e, por conseguinte, dificuldades para assegurar a privacidade;
- Necessidade de articulação das redes intersetoriais no território de origem de crianças, adolescentes e suas famílias, o que pode ser prejudicado no caso de profissionais que trabalhem remotamente de outras localidades.

OUTROS TÍTULOS DA SÉRIE SAÚDE MENTAL E ATENÇÃO PSICOSSOCIAL EM DESASTRES



E MAIS: **SÉRIE DE VÍDEOS
EMERGÊNCIAS EM FOCO**

ACESSE EM:
[BIT.LY/SAUDEMENTALDESASTRES](https://bit.ly/saudementaldesastres)

SÉRIE SAÚDE MENTAL E ATENÇÃO PSICOSSOCIAL EM DESASTRES

VOLUME 4 | 1ª ED. | FEVEREIRO DE 2026

ORGANIZAÇÃO

Adriana Cogo, Beatriz Schmidt, Debora Noal, Flávia Mattos, Ilana Katz, Kelly Alcantara, Laura Bolasell, Maria Luiza Diello, Miriam Cristiane Alves, Sarah Carneiro

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Gabriel Galli (DEMSP/SVSA/MS)

PROJETO GRÁFICO

Erick Andrade (DEMSP/SVSA/MS)

DIAGRAMAÇÃO

Luiza Tedesque (DEMSP/SVSA/MS)



MINISTÉRIO DA
SAÚDE



DO LADO DO POVO BRASILEIRO